

ARTIGO**DETERMINANTES DA DEMANDA TURÍSTICA INTERNACIONAL PARA AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA: UMA ANÁLISE ECONOMETRICA MULTINÍVEL****DETERMINANTS OF INTERNATIONAL TOURIST DEMAND FOR THE UNITS OF THE BRAZILIAN FEDERATION: A MULTILEVEL ECONOMETRIC ANALYSIS****SHEILA BEMERGUY¹****RESUMO**

O presente estudo propôs a identificação dos determinantes do turismo internacional para o Brasil, a partir de países de diferentes continentes para as unidades da federação brasileira, no período entre 2012-2018. As variáveis utilizadas são as oferecidas pelos modelos de competitividade. O modelo econométrico utilizado foi a análise multinível. Os resultados corroboram a hipótese de que os países de maior renda per capita procuram por destinos com maior infraestrutura física e social. Ao longo do período estudado surgiram novos pares entre origem-destino com a inserção das Regiões Nordeste e Centro-Oeste alcançando protagonismo no contexto do turismo internacional. Porém, o fluxo de turistas internacionais ainda é maior nas Regiões Sudeste e Sul, o que confirma a segunda hipótese do estudo que nega haver mudanças significativas nos pares origem-destino.

Palavras-chave: turismo internacional; modelo multinível; Brasil.

ABSTRACT

This study aimed to identify the determinants of international tourism to Brazil, from countries on different continents to the Brazilian federation units, in the period between 2012-2018. The variables used are those offered by the compatibility models. The econometric model used was multilevel analysis. The results corroborate the hypothesis that countries with higher per capita income seek destinations with greater physical and social infrastructure. Throughout the period studied, new pairs between origin and destination emerged with the insertion of the Northeast and Central-West regions reaching prominence in the context of international tourism. However, the flow of international tourists is still greater in the Southeast and South regions, which confirms the second hypothesis of the study that denies there are significant changes in the origin-destination pairs.

Keywords: international tourism; multilevel model; Brazil

1. Economista com pesquisa no fenômeno turístico

1 INTRODUÇÃO

O turismo como atividade econômica capaz de reduzir a pobreza tem sido o objeto de estudo de pesquisadores do fenômeno, que envolve diferentes áreas do saber. Muitos ressaltam os benefícios fiscais proporcionados pela chegada dos turistas e a sua capacidade de gerar empregos contribuindo, assim, para o desenvolvimento local (Crouch; Ritchie, 1999, 2003; Ritchie; Crouch, 2003, 2010).

Porém, o turismo tem grandes consequências para as diferentes regiões receptoras, principalmente para aquelas que apresentam baixos indicadores de sustentabilidade econômica, social e ambiental (Crouch; Ritchie, 1999; Falcão, 2002; Rodrigues, 2002; Rodrigues, 2014). Caracterizadas pela má distribuição de renda e grandes contrastes regionais, elas se sobressaem no fluxo de turistas internacionais como destinos, mas não se qualificam entre os principais países emissores (Paiva, 2003). Além disso, colocam à disposição da indústria do turismo para comercialização seus patrimônios histórico-culturais e histórico-naturais, sem atender aos critérios de capacidade de carga (Butler, 1980)². Para atender às demandas dos consumidores-turistas, segmentados de acordo com suas necessidades e desejos, é preciso que haja a apropriação e transformação do espaço (Butler, 1980; Carlos, 2002; Falcão, 2002). As alterações são percebidas não só na paisagem, mas também nas relações sociais estabelecidas pela comunidade local.

No caso das economias emergentes, como o Brasil, não obstante sua inserção no mercado turístico global com relativo êxito³, ainda há questões estruturais que perpetuam sua posição de desvantagem em relação às economias mais avançadas e agravam os impactos negativos da atividade turística em seu território, entre elas a forma heterogênea do seu desenvolvimento. Os desníveis regionais no país são expressos pelos indicadores econômicos, sociais e ambientais

2. Butler (1980), em seu modelo de gestão dos recursos turísticos, resalta que os turistas são atraídos em um primeiro momento pelos atrativos naturais e culturais únicos, "recém-descobertos". Os primeiros contatos com a comunidade anfitriã não implicam mudanças significativas na rotina, nos valores e crenças dos residentes. À medida que o fluxo de turistas se torna maior aumentam os interesses dos aglomerados empresariais e da comunidade local, que vislumbram no turismo ganhos financeiros e enriquecimento rápido. Recursos públicos são direcionados para empreendimentos que não representam, necessariamente, a endogeneização dos benefícios para a comunidade anfitriã (Buarque, 2004).

3. Após a interrupção do turismo em nível global, durante a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais, a atividade voltou a se consolidar sendo impulsionada pelo turismo de massa (Paiva, 2003), e por investimentos de instituições de desenvolvimento como o Banco Mundial (BM) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bid) que estimularam a inserção das economias menos avançadas no cenário turístico internacional (Rodrigues, 2014).

das unidades da federação (UF's). E, uma vez que o turismo se apresenta como alternativa econômica para os diferentes estados brasileiros, torna-se relevante identificar o perfil do consumidor-turista para eles.

A disponibilidade de paisagens atrativas para os viajantes internacionais não garante a sustentabilidade da atividade turística no longo prazo, nem sua contribuição efetiva para o desenvolvimento em nível local. Do mesmo modo, embora a competitividade do destino turístico esteja associada à prosperidade econômica dos seus residentes, essa relação de causalidade nem sempre se manifesta de forma óbvia (Dwier; Kim, 2003). Por isso, o bem-estar dos residentes no longo prazo deve ser a preocupação central ao se empreender o turismo em um território e isso perpassa por um composto de prosperidade econômica associada à responsabilidade ambiental e compromisso com os anseios da comunidade anfitriã (Crouch; Ritchie, 1999).

Por isso, o objeto do presente artigo consiste em avaliar a demanda turística internacional para os 26 estados brasileiros e para o Distrito Federal, agrupados em suas respectivas regiões no período entre 2012-2018⁴. As variáveis utilizadas para a análise são as propostas pelo modelo integrado de competitividade e sustentabilidade do turismo desenvolvido por Crouch e Ritchie (1999) e Ritchie e Crouch (2003, 2010), em consonância com a proposta de Dwyer e Kim (2003) de um modelo que inclua as condições de demanda turística como determinantes da competitividade dos destinos.

O problema reside em apreender como os determinantes da demanda turística se relacionam com os diferentes pares de origem-destino, e como essa relação se desenvolveu no período sob análise. Para investigá-lo, parte-se de duas hipóteses: a primeira refere-se ao fato de que regiões emissoras que apresentam maior renda per capita geralmente buscam por destinos turísticos que, além de paisagens diferenciadas, apresentam melhor infraestrutura econômica e social. Essa percepção está de acordo com a modalidade de deslocamento espacial "extensivo" proposto por Ferrara (2002).

O autor ressalta que as expectativas dos turistas podem ser associadas a duas modalidades inerentes ao processo, quais sejam, o deslocamento espacial intensivo

4. A escolha do período decorre do fato de que a pandemia do Novo Coronavírus, que começou no final de 2019 e se estendeu até 2023, impactou consideravelmente o setor do turismo não permitindo, portanto, a obtenção de dados consistentes sobre a atividade para a elaboração da estratégia empírica e do modelo econométrico

e o deslocamento espacial “extensivo”. No primeiro caso, o turista explora “[...] ao máximo, aquele caráter metonímico da linguagem, pois opera por concentração de arquétipos dos mais variados lugares do mundo reunidos em um só espaço, ou seja, [...] explora-se a força da representação, dos signos” (Ferrara, 2002, p. 22). Quanto ao segundo, refere-se ao fato de que o turista deve vislumbrar o acesso aos instrumentos turísticos que lhes permitem sentir a mesma comodidade e conforto que usufruem no seu cotidiano, embora longe de casa.

A segunda hipótese, afirma que durante o período analisado não houve mudanças expressivas na direção origem-destino no que diz respeito às regiões mais visitadas entre as unidades que compõem a amostra, indicando que não há um redirecionamento significativo do fluxo de turistas estrangeiros no território nacional.

Embora seja fato que novos destinos brasileiros passaram a compor o portfólio dos viajantes internacionais, a forma heterogênea como o turismo se desenvolve no território nacional ainda persiste. Por isso, o objetivo desse artigo consiste em identificar o perfil do consumidor-turista internacional para as UF’s brasileiras, a partir de um modelo interativo entre variáveis de oferta e de demanda.

A estratégia empírica adotada consiste em vislumbrar os estados que compõem o território nacional como produtos turísticos a serem demandados por países dos seguintes continentes: África, América do Norte, América Central, América do Sul,

Ásia e Europa⁵. O modelo econométrico utilizado será o da análise multinível, dada a natureza do estudo do turismo.

Como um fenômeno social, o turismo requer uma pesquisa que leve em consideração os distintos contextos econômico, social, político, cultural e ambiental nos quais a atividade se desenvolve enquanto região emissora, ou como região receptora, em diferentes escalas geográficas. Por isso, a realidade do turismo reflete uma particularidade das pesquisas sociais, qual seja, a interação entre os indivíduos e o seu contexto (Finch; Bollin; Kelley, 2014; Laros; Marciano, 2008; Hox, 2002, 2010; Hox; Maas, 2005; Puente-Palacios; Laros, 2009).

Segmentados em grupos específicos enquanto origem, destino e motivos viagem, aqueles que pertencem a um mesmo grupo recebem estímulos semelhantes. Disso decorre a importância de se identificar suas características singulares. Do mesmo modo, estes indivíduos sofrem os efeitos das características do contexto ao qual pertencem. Esta lógica é contemplada pelos modelos de regressão multinível⁶, o que os torna adequados para o estudo de diferentes fenômenos sociais (Finch; Bollin; Kelley, 2014; Laros; Marciano, 2008; Hox, 2002, 2010; Hox; Maas, 2005; Puente-

5. Continente Africano: África do Sul, Angola, Argélia, Benim, Botswana, Eswatini, Burkina Faso, Burundi, Camarões, Chade, Egito, Etiópia, Djibouti, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Ilhas Maurício, Lesoto, Libéria, Líbia, Mali, Marrocos, Mauritânia, Madagascar, Malawi, Moçambique, Namíbia, Níger, Nigéria, Quênia, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, República do Congo, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, Sudão, Tanzânia, Togo, Tunísia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue. América do Norte: Canadá, Estados Unidos da América e México. América Central e Caribe: Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, Haiti, Jamaica. América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai. Ásia: Afeganistão, Arábia Saudita, Armênia, Azerbaijão, Bahrein, Bangladesh, Camboja, Catar, Cazaquistão, China, Coreia do Sul, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Geórgia, Hong Kong, Iraque, Israel, Índia, Indonésia, Japão, Jordânia, Kuwait, Laos, Líbano, Malásia, Mongólia, Nepal, Omã, Paquistão, Quirguistão, Singapura, Sri Lanka, Tailândia, Tajiquistão, Turcomenistão, Turquia, Uzbequistão, Vietnã. Europa: Albânia, Alemanha, Áustria, Bélgica, Bielorrússia, Bulgária, Bósnia e Herzegovina, Chipre, Croácia, Dinamarca, Espanha, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Kosovo, Lituânia, Macedônia do Norte, Moldávia, Noruega, Países Baixos, Polónia, Portugal, Reino Unido, Romênia, Rússia, Sérvia, Suíça, Suécia e Ucrânia. No caso do continente europeu foram utilizados os dados da União Europeia para a variável do modelo Produto Interno Bruto Per Capita (PIB per capita). Países da União Europeia: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Croácia, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polónia, Portugal, Romênia, República Eslováquia e Suécia. No que diz respeito à Oceania e à Antártida, a ausência de dados sobre os preços das passagens aéreas, como proxy do custo viagem, inviabilizou a identificação dos turistas a partir desses continentes para as UF's brasileiras. A ausência de dados sobre o fluxo de turistas internacionais originários destes continentes no presente ensaio não causa implicações para o modelo e seus resultados, haja vista que durante todo o período analisado o número destes turistas que acessam o território nacional é inexpressivo quando comparado aos dos demais continentes.

6. Também conhecidos na literatura estatística como modelo hierárquico linear, modelo de coeficiente aleatório, modelo componente de variação e modelo misto (linear) (Hox; Maas, 2005).

Palacios; Laros, 2009), como o turismo.

A metodologia adotada consiste na revisão bibliográfica sobre o tema em questão, para o qual se mostrou necessário identificar as variáveis dos modelos de competitividade turística (Crouch; Ritchie, 1999; Dwyer; Kim, 2003; Ritchie; Crouch, 2003, 2010), e na abordagem quantitativa, baseada na análise multinível (Finch; Bollin; Kelley, 2014; Hox, 2002, 2010; Hox; Maas, 2005; Laros; Marciano, 2008; Puente-Palacios; Laros, 2009). Para a construção do modelo serão utilizados somente dados secundários.

Para alcançar o objetivo proposto, o presente artigo é composto pelas seguintes seções, além da introdução: A seção 2 aborda os modelos de competitividade de Crouch e Ritchie (1999), Ritchie e Crouch (2003, 2010) e Dwyer e Kim (2003) que permitem a seleção das variáveis a serem utilizadas no modelo interativo entre oferta e demanda; a terceira seção é composta de três subseções. A primeira apresenta a análise de regressão multinível a partir das obras de Finch, Bollin e Kelley (2014), Hox (2002, 2010), Hox e Maas (2005), Laros e Marciano (2008), Puente-Palacios e Laros (2009) e as variáveis elencadas para a construção do modelo. Na segunda subseção, procede-se a construção do modelo utilizado no artigo, enquanto a terceira apresenta a discussão dos resultados. A seção 4 conclui.

2 MODELO EMPIRÍCO SOBRE OS DETERMINANTES DA DEMANDA TURÍSTICA INTERNACIONAL PARA AS UF'S BRASILEIRAS

Ritchie e Crouch (2010) identificaram os fatores que viabilizam a competitividade das regiões do turismo receptivo de forma sustentável (Figura 1). Os elementos que denotam a vantagem comparativa⁷ dos destinos são ressaltados, assim como aqueles que permitem-lhes obter vantagem competitiva. Porém, como apontado anteriormente, a dotação de vantagens comparativas não garante a competitividade nem a sustentabilidade de um destino turístico (Crouch; Ritchie, 1999) em diferentes escalas geográficas, como demanda o turismo global. Para ser competitivo, um destino tem que ser eficaz e eficiente na forma como conduz sua alocação de recursos para desenvolver o turismo em bases sustentáveis (Crouch; Ritchie, 1999; Ritchie; Crouch, 2010).

7. A competitividade de um destino aborda suas vantagens comparativas, as quais estão relacionadas às dotações de fatores naturais, também denominados herdados, e aqueles construídos pelo homem. Uma vez que os recursos podem ser divididos entre renováveis e não renováveis, é comum que a vantagem comparativa de um destino se altere com o passar do tempo (Crouch; Ritchie, 1999; Ritchie; Crouch, 2003, 2010).

Figura 1 – Modelo de Crouch e Ritchie sobre a competitividade/sustentabilidade dos destinos turísticos



Fonte: Ritchie e Crouch (2010).

Além das vantagens comparativas e competitivas os autores destacam os ambientes nos quais a atividade turística se desenvolve. No ambiente micro, também denominado como competitivo, estão inclusos a região receptora em si e sua cultura, os mercados de turismo e suas organizações, assim como os públicos e as partes interessadas do destino. Para os autores, dada a maior proximidade que se estabelece entre o ambiente micro e o turista, é possível inferir que é neste ambiente que o destino é moldado e se adapta para a competição com os seus concorrentes.

Quanto ao ambiente macro, este demonstra como o fenômeno turístico é fortemente influenciado por forças que são representadas por organizações que compõem o *travel trade*. São elas: os diferentes públicos compostos por organizações financeiras, instituições governamentais, a mídia, os representantes da comunidade local, entre outras. Essas forças podem alterar o fluxo do turismo internacional, seja por meio de eventos políticos, culturais, mudanças no padrão de riqueza da população mundial, nos custos viagem (Ritchie; Crouch, 2003,

2010)⁸. As perspectivas micro e macro do turismo permitem vislumbrar, em parte, o desenvolvimento heterogêneo do turismo em nível mundial. Sobre as demais dimensões do modelo, somente alguns fatores serão elencados de acordo com o objetivo proposto e as limitações para a obtenção de dados⁹.

A dimensão Fatores de Suporte e Recursos é importante à medida que há o reconhecimento de que, embora um destino possua recursos e atrativos singulares que motivem o desenvolvimento do turismo receptivo, a escassez de recursos de apoio, característica das regiões pouco desenvolvidas ou superpovoadas, impede a consolidação da indústria do turismo no curto prazo (Crouch; Ritchie, 1999, Ritchie; Crouch 2003, 2010). São inúmeros os fatores e recursos de apoio, e enumerar todos é algo que está além do escopo desse artigo.

Na dimensão Recursos Principais e Atrativos encontram-se os fatores que desempenham um papel importante do ponto de vista político para a competitividade e sustentabilidade de um destino turístico. Fazem parte desta

8. Os fatores do ambiente macro estão divididos em seis grupos: questões relacionadas à economia, tecnologia, ecologia, estrutura e desempenho político e legal, aspectos socioculturais e ambiente demográfico em constante mutação (Ritchie; Crouch, 2010).

9. A inexistência de dados suficientes sobre o turismo no Brasil dificulta a composição de um modelo mais amplo sobre os determinantes da demanda turística internacional para as UF's que compõem o território nacional, tanto pelo lado da oferta quanto pelo lado da demanda. Neste sentido, o Anuário Estatístico de Turismo (MTur, 2013-2019) sobre o turismo receptivo apresenta os seguintes dados: as chegadas de turistas ao Brasil por diferentes vias de acesso, por continente e seus respectivos países de residência permanente, porém, nem todos os países são mencionados. Do mesmo modo, o documento não disponibiliza informações para todas as UF's brasileiras. Além disso, há uma grande variação, período após período, no que concerne às informações sobre o turismo nos estados. Aqueles não identificados de forma isolada são descritos como "outras Unidades da Federação", sendo impossível distingui-los. Ainda no mesmo documento, no item de estudo relacionado à demanda turística internacional são abordados apenas dois motivos para o deslocamento do turista internacional: o de lazer e o de negócios. Os demais são apresentados como "outros motivos". Em todos os casos, só os destinos mais visitados por unidade da federação são destacados; disso resulta a exclusão de muitas UF's brasileiras e seus respectivos municípios da publicação. Em seguida, é apresentado o número de eventos internacionais por estado brasileiro. Nessa categoria, são considerados somente aqueles que envolvem no mínimo cinquenta participantes, têm periodicidade fixa e estão na terceira edição. O número de eventos realizados é informado pela International Congress & Convention Association (ICCA, *apud* MTur, 2013-2019), que adota como metodologia computar o evento uma única vez, não obstante o fato deste ter sido sediado em diferentes lugares durante o período de coleta dos dados. Consequentemente, o número de eventos efetivamente realizados no país e o número registrado pela ICCA podem, eventualmente, divergir. São disponibilizados dados sobre os equipamentos e serviços turísticos, mas somente daqueles que constam no Sistema de Cadastro dos Empreendimentos, Equipamentos e Profissionais da área do Turismo (Cadastur). São eles: agências, oferta hoteleira, acampamento turístico, restaurantes e bares, parques temáticos, locadoras de veículos, organizadoras de eventos e prestadoras de serviços de infraestrutura de eventos. Infelizmente, não há um levantamento sobre a oferta de recursos naturais ou aqueles que representam o patrimônio histórico e cultural que compõem os atrativos das diferentes UF's.

dimensão: a fisiografia e clima, a cultura e a história, o conjunto de atividades, os eventos especiais, entretenimento, superestrutura do turismo e relações de mercado (Crouch; Ritchie, 1999, Ritchie; Crouch, 2010).

Quanto à dimensão Gestão do destino, geralmente reconhecida nas atividades que têm por objetivo promovê-lo, esta requer maior ênfase no desenvolvimento de produtos e de políticas de preços, que viabilizem a competitividade da região receptora. Além disso, a gestão deve atentar para a qualidade dos serviços ofertados aos turistas, sem a qual o destino dificilmente conseguirá manter ou aumentar sua participação no mercado, seja ele regional, nacional ou global.

A dimensão Políticas, Planejamento e Desenvolvimento do Destino Turístico requer a existência de instituições e organizações capazes de planejar e orientar, conjuntamente, a atividade turística em qualquer que seja a escala geográfica. O senso comum entre os atores deve prevalecer quando da definição sobre a estrutura estratégica e o que ela deve governar. Isso implica perceber o destino como uma entidade real e que assim deve permanecer (Ritchie; Crouch, 2010), não obstante sua inclusão no circuito turístico mundial.

Sobre os componentes Amplificadores e Qualificadores, entre os citados por Ritchie e Crouch (2010), serão destacados a localização e o custo em seu termo mais amplo. No que concerne ao primeiro fator, a posição geográfica de um destino afeta, inquestionavelmente, sua competitividade. Não se pode negar que a menor distância entre o destino e determinadas regiões emissoras pode influenciar o fluxo de turistas, haja vista o tempo de viagem menor. Porém, o fluxo turístico pode ser redirecionado com a adoção de novas tecnologias de transporte o que implica, também, novos roteiros de viagem com a inclusão de novos destinos substitutos e destinos complementares (Dwyer; Kim, 2003). Por isso, a competitividade de um destino depende do quão distante ele está das principais regiões emissoras do turismo internacional não em termos físicos, mas no que diz respeito à sua importância para estas regiões. Assim, faz todo sentido afirmar que a localização de um destino se “altera com o passar do tempo” (Crouch; Ritchie, 1999).

Dado que o objetivo não é construir um modelo de competitividade para as UF's brasileiras, somente algumas variáveis identificadas nos sete componentes serão empregadas no presente artigo, conforme a Figura 1, mesmo sabendo que o turismo é feito de atrativos que interferem na escolha do consumidor-turista por determinados continentes, países e regiões em detrimento de outros. Por isso, o

modelo de demanda turística para os estados brasileiros abordará variáveis outras que não os atrativos naturais e culturais. Mesmo que as variáveis utilizadas sejam, predominantemente, aquelas sobre as quais os gestores de destino têm amplo domínio a dificuldade ainda persiste. Assim, no que diz respeito aos atrativos turísticos como a fisiografia, o clima, a cultura e a história dos estados brasileiros, entre outros, parte-se da premissa que “[...] as vantagens comparativas (baseadas na dotação de recursos) são aqueles com os quais o Brasil foi abençoado por Deus e/ou pela natureza — assim como aqueles que o país e sua sociedade desenvolveram e acumularam ao longo do tempo [...]” (Ritchie; Crouch, 2010, p. 1051, tradução nossa)

3 A ANÁLISE DE REGRESSÃO MULTINÍVEL E SUA ADEQUAÇÃO AO ESTUDO DO TURISMO

3.1 Modelo de regressão multinível

O modelo estatístico característico da análise multinível pressupõe uma estrutura de dados da população hierárquica, que implica a existência de indivíduos no contexto de grupos e de grupos sociais dispostos em níveis diferentes do sistema hierárquico. Para cada nível são selecionadas variáveis explicativas que caracterizam os indivíduos e os grupos (Finch; Bollin; Kelley, 2014; Laros; Marciano, 2008; Hox, 2002, 2010; Hox; Maax, 2005; Puente-Palacios; Laros 2009).

Seguindo a proposta de uma estrutura de dados multinível para a pesquisa (Finch; Bollin; Kelley, 2014; Laros; Marciano, 2008; Hox, 2002, 2010; Hox; Maas, 2005; Puente-Palacios; Laros, 2009), e, em consonância com o objetivo proposto, os níveis selecionados para a composição do modelo são: nível 1, que corresponde a origem dos turistas internacionais, segundo os continentes elencados; nível 2, o qual diz respeito ao destino turístico, no caso as UF's brasileiras; e nível 3, o período selecionado para análise, 2012-2018.

A construção de um modelo multinível segue os seguintes passos (Finch; Bollin; Kelley, 2014; Laros; Marciano, 2008; Hox, 2002, 2010; Hox; Maas, 2005; Puente-Palacios; Laros, 2009). As classes (J) são compostas por um número diferente de indivíduos por classe (n_j). A variável resultado (Y) pertence ao nível mais baixo, ou seja, ao nível dos indivíduos. São introduzidas duas variáveis explicativas (X_1 , X_2) no nível dos indivíduos, denominado nível micro, e uma variável do nível superior (Z), denominada nível macro (Puente-Palacios; Laros, 2009). Para proceder a análise dos dados deve-se estruturar as equações de regressão de forma separada para

cada classe, para estimar o valor da variável dependente, (Y), por meio das variáveis explicativas (X). Hox (2002, 2010) sugere a seguinte especificação¹⁰:

$$Y_{ij} = \beta_{0j} + \beta_{1j}X_{1ij} + \beta_{2j}X_{2ij} + e_{ij} \quad (1)$$

A notação γ (gama) pode ser utilizada no lugar do β (beta) (Hox, 2002, 2010; Hox; Maas, 2005; Puente-Palacios; Laros 2009). Assim, e de acordo com a ordem dos subscritos mencionados acima, γ_{00} , corresponde ao valor médio esperado da variável, resultado a qual é constante na regressão. Em um modelo de dois níveis, γ_{21} demonstra o efeito da segunda variável do nível macro sobre a primeira do nível micro. De outro modo, o efeito da primeira variável do nível macro sobre o intercepto da regressão é representado, por exemplo, por γ_{01} . A variável no nível macro (Z) apresenta um único subscrito (j) (Eq. 2). (Puente-Palacios; Laros, 2009).

A equação pode ser agrupada em dois conjuntos distintos, um representado a parte fixa, da qual fazem parte os coeficientes de interceptação e os coeficientes das variáveis explicativas do modelo, e a parte aleatória composta pelos termos de erro tanto no nível do grupo u_{0j} , que será demonstrado a seguir (Eq. 2), quanto no nível do indivíduo e_{ij} (Hox, 2002, 2010; Puente-Palacios; Laros, 2009).¹¹

Adicionando a variável do nível macro (Z) à equação (1), dá-se origem a (2), onde o coeficiente de interceptação β_{0j} representa a média da variável, resultado para uma determinada classe, em decorrência da introdução da variável do nível superior (Z).¹²

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + \gamma_{01} Z_j + u_{0j} \quad (2)$$

10. Os termos β_{0j} representam os coeficientes de interceptação para cada classe que diferem entre si, assim como os coeficientes de inclinação identificados pelos β_{1j} , β_{2j} para as variáveis explicativas X1 e X2. O resíduo (e_{ij}) possui média zero e uma variância (σ^2) que deve ser estimada (Hox, 2002, 2010). Os coeficientes de regressão possuem o subscrito i ($i=1.....nj$), os quais dizem respeito ao número da variável do nível micro, seguido pelo subscrito j ($j=1.....J$), relacionado ao número da variável do nível macro (Z) (Eq. 1) (Hox, 2002, 2010; Hox; Maas, 2005; Puente-Palacios; Laros, 2009).

11. Dado que os valores dos coeficientes de interceptação e de inclinação são característicos das classes, quanto mais alto o intercepto de uma classe em relação às outras, maior será seu efeito sobre a variável resultado que também apresentará um valor alto. Nesse caso, a classe em questão será distinguida das demais. O mesmo acontece com os coeficientes de inclinação que diferem entre indivíduos de uma mesma classe e entre classes, demonstrando os distintos efeitos das variáveis explicativas sobre a variável resultado. Os coeficientes de regressão possuem uma distribuição normal multivariada (Hox, 2002, 2010; Puente-Palacios; Laros, 2009).

12. Dado $\gamma_{01} Z_j$, se γ_{01} for positivo maior será β_{0j} , considerando a influência da variável de nível superior (Z). Do contrário, se γ_{01} for negativo menor será β_{0j} , na presença da variável de nível macro (Z).

A equação abaixo (3) demonstra a interação entre os coeficientes de regressão, respectivamente, β_1 e β_2 , e a variável resultado (Y), considerando-se a presença da variável de nível superior (Z). No primeiro caso, β_1 expressa a relação entre a variável resultado (Y) e a variável explicativa (X1) considerando-se a variável macro (Z).¹³

$$\beta_{1j} = \gamma_{10} + \gamma_{11} Z_j + u_{1j}$$

$$\beta_{2j} = \gamma_{20} + \gamma_{21} Z_j + u_{2j} \quad (3)$$

Por sua vez, os termos u_{0j} (2), u_{1j} e u_{2j} (3), correspondem aos residuais aleatórios das diferentes classes. Para eles, assume-se média zero e a independência em relação aos termos de erros residuais (e_{ij}). No que diz respeito à variância dos u_{0j} (2), ela é definida como σ^2_{u0} , daí a variância de u_{1j} se apresenta como σ^2_{u1} . A covariância entre u_{0j} e u_{1j} é identificada como σ_{u01} , e geralmente não se assume como sendo zero. Os γ não variam entre as classes, são tidos como coeficientes fixos e, por isso, não apresentam o subscrito j. A variação entre classes identificadas nos coeficientes β , após sua medição na presença de Z_j , é capturada pelos termos de erros residuais que, como afirmado anteriormente, pertencem à parte aleatória da equação e possuem o subscrito j para identificar sua respectiva classe (Hox, 2002, 2010).

A equação para o modelo de regressão de dois níveis pode ser reescrita substituindo as equações (2) e (3) na equação (1), resultando em:

$$Y_{ij} = \gamma_{00} + \gamma_{10} X_{1ij} + \gamma_{20} X_{2ij} + \gamma_{01} Z_j + \gamma_{11} X_{1ij} Z_j + \gamma_{21} X_{2ij} Z_j + u_{1j} X_{1ij} + u_{2j} X_{2ij} + u_{0j} + e_{ij} \quad (4)$$

Sendo que $[\gamma_{00} + \gamma_{10} X_{1ij} + \gamma_{20} X_{2ij} + \gamma_{01} Z_j + \gamma_{11} X_{1ij} Z_j + \gamma_{21} X_{2ij} Z_j]$ corresponde ao segmento fixo da equação ou determinístico do modelo, enquanto $[u_{1j} X_{1ij} + u_{2j} X_{2ij} + u_{0j} + e_{ij}]$ ao segmento variável ou estocástico. Quanto a $X_{1ij} Z_j$ e $X_{2ij} Z_j$, eles são termos de interação entre as variáveis do nível micro (X_{1ij} e X_{2ij}) e a variável do nível macro (Z_j), as quais modelam a inclinação do coeficiente de regressão (β_j) (4) (Hox, 2002, 2010).

13. Novamente, dado $\gamma_{11} Z$, se γ_{11} for positivo o efeito da variável explicativa (X1) sobre a variável critério (Y) será maior em decorrência da presença (Z), sendo o contrário verdadeiro. Em relação a β_2 , o efeito da variável explicativa (X2) sobre a variável critério (Y) será maior se γ_{21} for positivo, dado que $\gamma_{21} Z$. Assim, a variável do nível macro atua como moderadora para a relação entre a variável resultado (Y) e a variável explicativa (X1), assim como entre a variável resultado (Y) e a variável preditora (X2).

Os termos de erro u_{1j} e u_{2j} multiplicam, respectivamente, X_{1ij} e X_{2ij} (4). Os resultados das multiplicações diferem entre si, para cada $u_{ij}X_{ij}$, o que na regressão múltipla comum é chamado de heterocedasticidade. Uma condição para que tal situação não ocorra pressupõem que as variâncias dos erros residuais devem ser independentes das variáveis explicativas, o que caracteriza a homocedasticidade (Hox, 2002, 2010).

Dada a demonstração do modelo hipotético acima (4), esse é um dos motivos da incompatibilidade entre a análise multinível e a utilização de técnicas de regressão múltipla ordinária¹⁴.

Tanto Hox (2002, 2010) quanto Puente-Palacios e Laros (2009) propõem um modelo de dados hierárquicos simples, que consiste na inexistência de variáveis explicativas para estimar a correlação intraclasse. O chamado modelo de interceptação é apresentado abaixo (5):

$$Y_{ij} = \gamma_{00} + u_{0j} + e_{ij} \quad (5)$$

A correlação intraclasse (r) pode ser estimada por meio de (6):

$$\rho = \frac{\sigma_{u0}^2}{\sigma_{u0}^2 + \sigma_e^2} \quad (6)$$

Em que o numerador σ_{u0}^2 corresponde à variância dos resíduos u_{0j} do nível macro, a qual também aparece no denominador. Quando somada à variância dos resíduos do nível micro, σ_e^2 , apresenta como resultado a variância total. Nesse caso, a correlação intraclasse (ρ) indica a relação da variância em nível macro em relação à variância total. Caso a magnitude de ρ (6) no nível macro não seja significativo, a construção do modelo deve ser revista. Isso decorre do fato de que o modelo acima (6) também fornece uma medida do *deviance*, o qual permite inferir o grau de ajuste do modelo. O modelo que melhor se ajusta é aquele que

14. Na presença de dados agrupados as observações que pertencem a um mesmo grupo possuem semelhanças entre si, o que viola o pressuposto da independência entre todas as observações (Hox, 2002, 2010; Puente-Palacios; Laros, 2009). Nesse caso, há correlação intraclasse (r), a qual pode ser medida pelo coeficiente de correlação intraclasse (ρ)

apresenta o menor *deviance*¹⁵ (Hox, 2002, 2010; Puente-Palacios; Laros, 2009).

Hox (2002, 2010) parte da correlação intraclasse (6) para propor um modelo de três níveis. A equação única para o modelo de três níveis (7) é apresentada a seguir:

$$Y_{ijk} = \gamma_{000} + v_{0k} + u_{0jk} + e_{ijk} \quad (7)$$

Novamente, o autor propõe um modelo sem variáveis explicativas em nenhum nível, ou seja, um modelo simples de interceptação para estimar a correlação entre classes, porém agora com três níveis como demonstrado abaixo:

$$\rho_2 = \frac{\sigma_{u0}^2}{\sigma_{v0}^2 + \sigma_{u0}^2 + \sigma_e^2} \quad (8)$$

e

$$\rho_3 = \frac{\sigma_{v0}^2}{\sigma_{v0}^2 + \sigma_{u0}^2 + \sigma_e^2} \quad (9)$$

Em que σ_e^2 , σ_{u0}^2 , σ_{v0}^2 são as variâncias dos primeiro, segundo e terceiro níveis, respectivamente (Hox, 2002). O método apresentado pelas equações (8) e (9) é proposto por Davis e Scott (1995 *apud* Hox, 2002) e denota a relação intraclasse entre os indivíduos do segundo e terceiro níveis¹⁶.

As variáveis do modelo de demanda turística internacional para as UF's brasileiras e suas respectivas fontes são apresentadas abaixo (Tabela 1), e o modelo de

15. Os coeficientes de regressão e os coeficientes de variância na análise multinível permitem estimar os coeficientes de regressão, os quais são estimadores de máxima verossimilhança. Esses permitem inferir se a amostra utilizada possui alta probabilidade de a ser realmente encontrada (Hox, 2002, 2010; Puente-Palacios; Laros, 2009).

16. O método (8) e (9) permite a decomposição da variância entre os níveis elencados, assim como identificar a variância por nível (Hox, 2002). O segundo (10) fornece uma estimativa da correlação entre dois indivíduos escolhidos aleatoriamente em um mesmo grupo. No caso, o ρ_2 denota a correlação esperada entre dois elementos que pertencem ao mesmo grupo neste nível e que devem pertencer, também, ao mesmo grupo no nível superior. Por isso, os componentes de variância dos dois níveis, respectivamente σ_{u0}^2 , σ_{v0}^2 , encontram-se tanto no numerador quanto no denominador. Caso não haja semelhança entre os dois conjuntos de estimativas, ainda assim a possibilidade de contradição deve ser eliminada, uma vez que "ambos os conjuntos de equações expressam dois aspectos diferentes dos dados, que coincidem quando há apenas dois níveis" (Hox, 2002, p. 32).

Regressão Multinível em seguida.

Tabela 1 – Variáveis do Modelo de Demanda Turística Internacional para as UF's Brasileiras

Variável	Sinal Esperado	Fonte
Agências de Turismo (AGT)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Aeroportos (AER)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Diária Média (DM) (R\$)	-	Fórum de Operadores Hoteleiros do Brasil (INFOHB)
Eventos Internacionais (EINTERN)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Gasto Médio Per Capita em Dólar GMPCD(US\$)	-	Ficha Síntese do Turismo (MTur)
Índice de GINI	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA)	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Locadora de Veículos (LVEIC)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Número de Leitos (LEITOS)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Número de Meios de Hospedagem (MH)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Número de Unidades Habitacionais (UH)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Número de turistas do Continente Africano (D_AF)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Número de Turistas da América Central e Caribe (D_ACC)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Número de Turistas da América do Norte (D_AN)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Número de Turistas da América do Sul (D_AS)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Número de Turistas da Ásia (D_ASIA)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Número de Turistas da Europa (D_EURO)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Organização de Eventos (ORGE-VENT)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Parques Temáticos (PTEMAT)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Produção de Infraestrutura de Eventos (PIEVENT)	+	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Produto Interno Bruto dos Estados (PIB)	+	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Permanência Média do Turista no Brasil– Per Noite PMEBR(PERNOITE)	+	Ficha Síntese do Turismo (MTur)
Permanência Média do Turista por UF Brasileira PMEUF(PERNOITE)	-	Ficha Síntese do Turismo (MTur)

PIB per capita da África (ÁFRICA PIB PER CAPITA) (US\$)	+	World Bank
PIB per capita da América Central e Caribe (AM.C PIB PER CAPITA) (US\$)	+	World Bank
PIB per capita da América do Norte (AM.N PIB PER CAPITA) (US\$)	+	World Bank
PIB per capita da América do Sul (AM.S PIB PER CAPITA) (US\$)	+	World Bank
PIB per capita da ÁSIA (ASIA PIB PER CAPITA) (US\$)	+	World Bank
PIB per capita da UNIÃO EUROPEIA (EURO PIB PER CAPITA) (US\$)	+	World Bank
Rendimento Médio Nominal (R.M. NOMINAL) Turismo	+	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Rendimento Médio em Salários Mínimos -RM (SM) (R\$) Turismo	+	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Rendimento Médio Domiciliar Per Capita (RMDPC) (R\$)	+	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Restaurantes, Bares e Similares (REST)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)
Tarifa Aérea (TAF) (US\$)	-	Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC)
Taxa de Câmbio Real, TCR(IPCA)	-	Banco Central do Brasil (BACEN)
Transporte Turístico (TTURIST)	+	Anuário Estatístico do Turismo (MTur)

Fonte: Elaborado pela autora (2022)¹⁷.

3.2 Modelo dos determinantes da demanda turística internacional para as UF's brasileiras

17. Com relação aos dados da Tabela 1, algumas observações se fazem necessárias. Como o World Bank divide os continentes em regiões, exceção do PIB per capita da União Europeia, o PIB per capita dos continentes foi calculado pela soma do PIB dos países selecionados, convertidos pelas taxas de paridade do poder de compra (a preços correntes internacionais \$), dividido pelas suas respectivas populações, a cada ano. A escolha pelo Rendimento Médio Per Capita das UF's (R\$) decorre do fato de que dados sobre o PIB per capita estavam indisponíveis a partir do ano 2013, o que não contempla o período sob análise. A escolha pela chegada de turistas por via aérea para compor o presente estudo decorre do fato de que este é o principal meio de transporte utilizado pelos turistas estrangeiros, mais de 70% em todos os casos, que acessam as diferentes UF's nacionais. Porém, o número total de turistas registrados no território nacional por continente inclui tanto as vias aéreas, como as terrestres e marítimas. Quanto às diárias, elas representam uma média em reais dos meios de hospedagem. Em relação ao Índice de Gini e o sinal negativo esperado, entende-se que o turista procura por regiões cujo índice é menor, caracterizando uma melhor distribuição de renda e da riqueza. No que diz respeito à taxa de câmbio, ela é medida pelo critério do "incerto", cuja unidade de referência é a moeda estrangeira. Por isso, parte-se da suposição de que o turista prefere a moeda brasileira desvalorizada em relação à unidade monetária padrão do viajante internacional.

Realizados os devidos esclarecimentos sobre a metodologia do modelo de regressão multinível e sobre as variáveis a serem utilizadas, será proposto o modelo sobre os determinantes da demanda turística internacional para as UF's brasileiras abaixo (13):

$$DEM = \text{REND MED UF} + \text{DIÁRIA} + \text{PIBPC ORI} + \text{TAF} + \text{TIME} + \text{LOC} \quad (13)$$

Em que DEM corresponde à variável resultado, ou seja, o perfil do turista internacional para as UF's brasileiras. A variável Rendimento Médio Domiciliar *per capita* das UF's nacionais é representado por REND MED UF, enquanto o Pib *per capita* dos continentes corresponde a PIBPC ORI. As tarifas aéreas para os continentes são identificadas como TAF, a variável tempo como Time e, por fim, as locadoras de veículos locais como LOC.

Quadro 1 – Modelo Sobre os Determinantes da Demanda Turística Internacional

```
Linear mixed model fit by maximum likelihood . t-tests use
Satterthwaite's method [lmerModLmerTest]
Formula: dem.GM ~ REND_MED_UF.GM + DIARIA.GM + PIBPC_ORI.GM + TAF.GM +
time + LOC.GM + (1 | Destino) + (1 | Destino:Origem)
Data: base_mod
```

AIC	BIC	logLik	deviance	df.resid
-26.5	18.0	23.2	-46.5	620

```
Scaled residuals:
  Min       1Q   Median       3Q      Max
-7.2221 -0.1839 -0.0064  0.1694  8.8973
```

```
Random effects:
Groups              Name              Variance Std.Dev.
Destino:Origem      (Intercept)  0.81223  0.9012
Destino              (Intercept)  0.11609  0.3407
Residual                        0.02343  0.1531
Number of obs: 630, groups: Destino:Origem, 96; Destino, 16
```

```
Fixed effects:
              Estimate Std. Error      df t value Pr(>|t|)
(Intercept)  -0.08820   0.12777   16.77985  -0.690  0.499436
REND_MED_UF.GM  0.05154   0.02922  530.96603   1.764  0.078301 .
DIARIA.GM      0.04421   0.01425  543.02147   3.101  0.002026 **
PIBPC_ORI.GM   -0.16011   0.05223  457.97765  -3.065  0.002302 **
TAF.GM         0.05672   0.01631  566.53002   3.478  0.000545 ***
time           0.01311   0.00726  578.50108   1.806  0.071482 .
LOC.GM         0.01766   0.00983  536.42361   1.796  0.073007 .
```

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

3.3 Interpretação dos Resultados

No caso da variável tempo (Quadro 1), esta denota um crescimento na demanda do consumidor turista internacional pelas diferentes UF's brasileiras durante o período estudado, o que corrobora o fato de que o país ganhou maior participação no mercado turístico global, acompanhando o ritmo das demais economias emergentes que, em 2019, representavam cerca de 46,9% dos destinos mais procurados no mundo (UNWTO, 2020).

No caso das tarifas aéreas utilizadas como *proxy* do custo viagem, o sinal positivo (Quadro 1) indica que viajantes internacionais estão dispostos a pagar mais caro para se deslocarem para as UF's brasileiras. Isso pode caracterizar o turismo no território brasileiro como um bem de ostentação, destinado aos turistas estrangeiros de renda mais elevada de diferentes partes do mundo. Tal fato não só contrária a Lei da Demanda Decrescente, que implica uma relação inversa entre preço e quantidade demandada, como aponta para uma diversificação nos pares entre origem-destino para o turismo nacional, a partir de diferentes continentes. Tal fato é ratificado pelos relatórios da Anac (2019, 2020), que apontam os países situados na Ásia, África, América do Norte e Europa como os que apresentam as maiores tarifas médias nominais em dólares americanos, em contraposição aos países da América Central e América do Sul.

Porém, a maior demanda pelo território nacional ainda é a partir dos países emissores situados na América do Sul, seguidos pelos países da Europa e América do Norte¹⁸ durante o período de 2012-2018, como demonstram os dados do Anuário Estatístico do Turismo (Mtur, 2013-2019).

O PIB per capita das regiões emissoras com sinal negativo (Quadro 1) demonstra que a procura pelas UF's brasileiras ainda tende a ser maior a partir países situados em continentes cujo valor médio agregado por indivíduo é reduzido. E entre os continentes pesquisados, durante o período determinado, os que apresentam o menor PIB per capita são a África, a América do Sul, além da América Central e Caribe (World Bank, 2021). Ou seja, embora o turismo brasileiro alcance maior visibilidade no mercado turístico global e tenha se tornado uma opção de destino no portfólio dos turistas internacionais de renda mais elevada, o acesso ao território brasileiro para a prática do turismo ainda é, majoritariamente, a partir de países que registram PIB per capita reduzidos.

O rendimento médio domiciliar per capita¹⁹ permitiu delinear o perfil das UF's mais

18. Para o período em questão, a África registrou, respectivamente, em termos de chegadas de turistas no território brasileiro: 92.349, 94.832, 128.252, 110.983, 81.391, 70.351, 64.605. A América do Norte: 716.583, 737.175, 844.969, 734.450, 735.062, 605.961, 689.583. A América do Sul: 2.822.519, 2.936.753, 3.133.629, 3.420.349, 3.732.722, 4.112.327, 4.050.598. Ásia: 259.544, 260.634, 293.710, 264.618, 265.030, 223.449, 219.577. A Europa: 1.484.781, 1.470.680, 1.655.538, 1.468.022, 1.391.433, 1.256.102, 1.259.238.

19. O rendimento domiciliar per capita corresponde à soma dos rendimentos mensais dos moradores do domicílio, dividido pelo número de pessoas que nele habitam. A média da renda domiciliar per capita foi considerada para as unidades da federação que compõem as regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Oeste e Centro-Oeste, a cada ano.

acessadas pelos viajantes internacionais. Porém, a variável (Quadro1), indica uma relação positiva com viajantes internacionais que procuram, prioritariamente, pelas UF's das Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, as quais apresentam a maior renda domiciliar per capita no território nacional.

O mesmo aconteceu com variável diária média (R\$)). Seu sinal positivo (Quadro 1) aponta para o fato de que os turistas estrangeiros estão dispostos a pagar mais para usufruir de maior conforto. Novamente, as Regiões Sudeste e Centro-Oeste são destaque. A última vem ganhando cada vez mais participação no cenário turístico mundial, competindo com a região Sul, que acusou grande alteração no que diz respeito à variável sob análise, entre 2012-2018. De forma semelhante, a região Nordeste tem repercutido um bom desempenho, mas não o suficiente para se consolidar entre os principais destinos nacionais acessados pelos viajantes internacionais. Quanto ao Norte do país, o turismo estrangeiro na região não tem logrado o êxito das demais regiões, permanecendo sempre em último lugar com relação às variáveis rendimento médio domiciliar per capita e diária média (R\$).

A variável locadoras de veículos se mostrou significativa e positiva para o modelo (Quadro 1), o que corrobora o fato de que o turista internacional busca por relativa independência para se deslocar dentro das UF's brasileiras, e de forma independente dos serviços de transporte padronizados por agências do turismo receptivo. Nesse caso, os resultados apontam o Sudeste do país como a região que apresenta maior disponibilidade deste recurso para os viajantes internacionais. Como citado anteriormente, as variáveis do ambiente micro tendem a ter um impacto imediato sobre o turismo, mais do que aqueles de natureza macroeconômica Ritchie e Crouch (2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio propôs identificar os determinantes da demanda turística internacional para as UF's brasileiras, a partir de regiões emissoras situadas em distintos continentes, no período de 2012-2018.

Os resultados alcançados demonstram que há uma consolidação do Brasil no turismo internacional, enquanto destino turístico ao longo do tempo. A análise do custo viagem, representado pelos preços das tarifas aéreas, aponta para uma maior procura pelo país a partir dos distintos continentes. Nesse sentido, algumas diferenças nos pares origem-destino já são perceptíveis. Em outras palavras, há

uma nova composição destes no que diz respeito às regiões emissoras de turistas e às UF's brasileiras, demandas enquanto destino turístico.

Mas, o fato é que grande parte da demanda turística pelas UF's brasileiras ainda ocorre a partir de continentes com baixo PIB per capita, notadamente África, América Central e Caribe, e América do Sul. Além disso, as UF's mais procuradas pelo viajante internacional ainda são as que se situam na região Sudeste do Brasil. Isso permite ratificar a segunda hipótese, qual seja, de que não há, de fato, novas composições expressivas nos pares entre origem e destino que permitam apontar para um redirecionamento do fluxo turístico mundial em território nacional.

Como o objetivo do turismo é auxiliar na promoção do desenvolvimento econômico e social das regiões nacionais no longo prazo - contrapondo-se à ideia do enriquecimento rápido, geralmente associada ao turismo de massa - é preocupante a realidade de que são os turistas de países que apresentam baixo poder aquisitivo que acessam, em maior número, as UF's brasileiras.

Com relação às UF's brasileiras mais procuradas, destacam-se aquelas situadas no Sudeste. A predominância dessa região sobre as outras é comprovada pela análise das variáveis representativas do microambiente do turismo. No que diz respeito ao turismo internacional, isso ratifica o fato de que o turista exerce um deslocamento espacial extensivo, no sentido de buscar por instrumentos turísticos que lhes proporcionem a mesma sensação de conforto e bem-estar que usufruem no seu cotidiano. Isso corrobora a primeira hipótese do modelo. O Centro-Oeste e o Nordeste brasileiros têm alcançado bons resultados no que concerne ao desenvolvimento do turismo. Nesse sentido, pode-se afirmar que há um potencial para que surjam novas composições nos pares entre origem e destino para estas regiões. Por enquanto, os resultados não são suficientes para negar a segunda hipótese, que alega não haver mudanças significativas nestes.

Tal constatação é reforçada a partir da análise da Região Sul do Brasil. Detentora de recursos particulares e uma indústria do turismo consolidada, o que é reconhecidamente fator de atração para os viajantes internacionais, como comprovam os resultados deste estudo, a região demonstrou pequenas alterações durante o período estudado. Dado que o turismo mundial é dinâmico, e que a posição das diferentes regiões receptoras muda constantemente, como resultado de questões cognitivas mais do que geográficas, há que se proceder novos estudos específicos para as UF's da Região Sul para identificar os motivos do seu

desempenho atual, que permite cogitar um cenário de estagnação da atividade turística na região.

A Região Norte, por sua vez, mostrou-se durante o presente estudo com baixo potencial para o desenvolvimento do turismo em suas UF's. Apesar dos patrimônios natural, histórico e cultural da região serem diferenciados, os atores envolvidos no processo, sejam instituições públicas, empresariais e sociedade em geral, demonstram baixos indicadores econômicos e sociais para empreender a atividade em seus territórios.

Seus indicadores de sustentabilidade, aquém dos esperados, podem desestimular potenciais investimentos para a implementação e dinamização do turismo na região, e refletem a ausência de vontade política dos agentes locais. Os resultados demonstram iniciativas isoladas nas UF's desta região, que vão de encontro à visão de desenvolvimento da atividade turística no longo prazo, e da internalização dos resultados para a promoção do bem-estar da população que compõem suas UF's.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CÍVIL - ANAC. Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br>. Acesso em: 6 jul. 2020.

BANCO CENTRAL DO BRASIL - BCB. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/>. Acesso em: 5 jul. 2020.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - BNDES: Mauad, Rio de Janeiro, v. 1, p. 105-130, 2002. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=BANCO+NACIONAL+DE+DESENVOLVIMENTO+>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Anuário estatístico do turismo 2012-2021**. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/anuario-estatistico>. Acesso em: 13 jan. 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano nacional de turismo 2018-2022**. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=BRASIL.+Minist%C3%A9rio+do+Turismo.+Plano+nacional+de+turismo+2018-2022&oq=BRASIL.+Minist%C3%A9rio+do+Turismo.+Plano+>. Acesso em: 7 jun. 2019.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**: metodologia de planejamento. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004.

BUTLER, R. W. **The concept of a tourist area cycle of evolution**: implications for management of resources. Ontario, Canada: University of Western Ontario, 1980. Disponível em: https://www.numptynerd.net/uploads/1/2/0/6/12061984/butler_model_1980.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

CARLOS, A. F. A. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (org.). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 25-37.

CROUCH, G. I.; RITCHIE, J. R. Brent. Tourism, competitiveness, and societal prosperity. **Journal of Business Research**, University of Calgary, v. 44, p. 137-152, 1999. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0148296397001963>. Acesso em: 10 dez. 2020.

DWYER, L.; KIM, C. Destination competitiveness: determinants and indicators. 2003. **Current Issues in Tourism**, v. 6, 2003. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13683500308667962> >. Acesso em: 10 dez. 2020.

FALCÃO, J. A. G. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (org.). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 63-74.

FERRARA, L. D'alessio. O turismo e os deslocamentos virtuais. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (org.). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 15-24.

BRASIL. Ministério do Turismo. Índice de competitividade do turismo nacional: **Relatório Brasil 2015**. Coord. Luiz Gustavo Medeiros Barbosa. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2015. 92 p. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/fe94c163da070213d455b65b64c794f/\\$File/5833.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/fe94c163da070213d455b65b64c794f/$File/5833.pdf). Acesso em: 12 jan. 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Fichas síntese do turismo brasileiro**: 2011-2019. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2011-2019. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt->

br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/demanda-turistica/demanda-turistica-internacional-1. Acesso em: 10 dez. 2020.

FINCH, W. H.; BOLI, J. E.; KELLEY, K. **Multilevel modeling using R**. London, New York: CRC Press, 2014.

FÓRUM de operadores hoteleiros do Brasil (inFOHB). ed. 65. dez. 2012. ed. 77, dez. 2013. ed. 89, dez. 2014. ed. 101, dez. 2015. ed. 113, dez. /2016. ed. 125. dez.2017. ed. 166, maio, 2021. Disponível em: <https://fohb.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

HOX, J. **Multilevel analysis: techniques and applications**. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishes Mahwah, New Jersey, 2002.

HOX, J. **Multilevel analysis: techniques and applications**. 2. ed. New York: Taylor & Francis Group, Great Britain: Routledge, 2010.

HOX, J.; MAAS, C. J. M. **Multilevel analysis. Encyclopedia of social measurement**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 28 mar. 2020. (International).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Anuário estatístico do Brasil 2021**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_2021.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

LAROS, J. A.; MARCIANO, J. L. P. Análise multinível aplicada aos dados do NELS: 88. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 19, n. 40, p. 263-78, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1440/1440.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022.

MONETARY FOUND -IMF. **World Economic and financial surveys. World economic outlook database**, abr. 2018. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=MONETARY+FOUND+-IMF,+World+Economic+and+financial+surveys.+World+economic+outlook+database&oq=> Acesso em: 14 ago. 2020.

PAIVA, M. das G. de M. V., **Sociologia do turismo**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

PUENTE-PALACIOS, K. E.; LAROS, J. A. Análise multinível: contribuições para estudos sobre efeito do contexto social no comportamento individual. **Estudos de Psicologia, Campinas**, v. 3, n. 26, p. 349-361, 2009.

RITCHIE, J. R.; CROUCH, G. I. **The competitive destination**: a sustainable tourism perspective. Reino Unido, UK: Publishing CAB International Wallingford & Oxon, 2003.

RITCHIE, J. R.; CROUCH, G. I. **A model of destination competitiveness/ sustainability: Brazilian perspectives**, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/wGkjhRb5nszC4bzmzgYpTkx/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 14 ago. 2022.

RODRIGUES, A. M. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (org.). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 55-62.

RODRIGUES, L. C. Turismo como estratégia de desenvolvimento na América Latina: dilemas e perspectivas de um modelo excludente. In: CARVALHO, Alba Maria Pinhode; HOLANDA, Francisco Uribam Xavier de (org.). **Brasil e América Latina: percursos e dilemas de uma integração**. Fortaleza: Edições UFC, 2014. p. 455-477. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21398>>. Acesso em: 5 maio, 2019.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME - UNDP. **Relatórios de desenvolvimento humano globais**, 2013-2020. Disponível em: <https://hdr.undp.org/content/human-development-report-2023-24>. Acesso em: 12 mar. 2021.

WORLD BANK. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.CD>. Acesso em: 12 jun. 2021.

WORLD TOURISM ORGANIZATION – UNWTO. **Compendium of tourism statistics**, Madrid, Spain. 2016; 2018; 2020. Disponível em: <https://www.e-unwto.org>. Acesso em: 16 jun. 2021.

WORLD TOURISM ORGANIZATION – UNWTO. **World Tourism Barometer**, n. 18, jan. 2020. Disponível em: <https://www.unwto.org/world-tourism-barometer-n18-january-2020>. Acesso em: 15 maio, 2020.

YEARBOOK of tourism estatistics. Madrid, Spain. 2012-2016, 2018 Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284419531>. Acesso em: 22 ago. 2019.

YEARBOOK of tourism estatistics. **Yearbook of tourism statistics**. Madrid, Spain, 2014-2018. 2020. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284421442>. Acesso em: 3 maio 2021.

YEARBOOK of tourism estatistics. **World Tourism Barometer**, n. 16, jan. 2018. In: Anuário Estatístico do Turismo, 2018. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>. Acesso em: 21 set. 2019.

YEARBOOK of tourism estatistics. **Tourism highlights**, 2013- 2018, 2019, 2020. Disponível em: <https://www.e-unwto.org>. Acesso em: 14 jun. 2021. p. 182.

YEARBOOK of tourism estatistics. **World Tourism Barometer**, n. 16, jan. 2018. In: Anuário Estatístico do Turismo, 2018. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>. Acesso em: 21 set. 2019.

YEARBOOK of tourism estatistics. **World Tourism Barometer**, n. 18, jan. 2020. Disponível em: <https://www.unwto.org/world-tourism-barometer-n18-january-2020>. Acesso em: 15 maio, 2020.

YEARBOOK of tourism estatistics. **Yearbook of tourism statistics**, 2012-2016. 2018 Edition. Madrid, Spain. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284419531>. Acesso em: 5 jun. 2019.

YEARBOOK of tourism estatistics. **Yearbook of tourism statistics**, 2014-2018. 2020 Edition. Madrid, Spain. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284421442> . Acesso em: 3 maio, 2021.